

Um bom negócio: mais verde, menos dívida.

"A dívida brasileira pode salvar a Amazônia", diz o título do principal editorial do jornal **The New York Times** de ontem, que endossa a idéia de conversão da dívida em proteção à floresta amazônica. Segundo o editorial, o presidente Sarney é quem está bloqueando o atraente negócio, que reduziria a dívida brasileira preservando a natureza. O motivo do presidente, de acordo com o **Times**, é "um temor sem fundamento trama do por seus assessores militares". O temor de que, como disse Sarney a uma delegação de senadores e deputados americanos, a Amazônia se torne um "golfo pérscio verde".

"O Brasil deve ao mundo 115 bilhões de dólares. O mundo quer que o Brasil pare de destruir negligente mente a floresta amazônica, uma extraordinária maravilha natural. Essas duas condições convidam a um negócio, a uma grandiosa conversão de dívida por proteção à natureza", diz o editorial, para a seguir indagar: "O que está bloqueando uma solução tão atraente?"

"O presidente do Brasil, José Sarney, é um dos motivos", prossegue o **Times**, relatando a visita da delegação americana no mês passado ao Brasil. Segundo o editorial, o ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré, "endossou entusiasticamente a idéia de uma fundação brasileira para administrar uma conversão de dívida por natureza". "Mas, quando o grupo chegou ao palácio presidencial, o sr. Sarney rejeitou a idéia como uma interferência estrangeira", lamenta o jornal americano.

O editorial diz que o presidente está sendo levado a equívoco por causa dos seus assessores militares. "O seu descaso com o estado das florestas não está de acordo com informações de seu próprio governo", prossegue o **Times**, fazendo um balanço da situação ambiental da Amazônia e citando o líder dos seringueiros Chico Mendes, "assassinado depois que fez uma campanha para proteger as florestas tropicais dos tratores dos posseiros".

Para o jornal americano, a solução do problema está na dívida brasileira. "Suponhamos que doadores no Ocidente pudessem levantar 4 bilhões de dólares para salvar a floresta amazônica. Eles então comprariam a dívida brasileira com desconto, num valor de face de, digamos, 8 bilhões de dólares. Essa dívida, denominada em dólares, é trocada no Brasil por títulos no valor de 8 bilhões de dólares em moeda local. Os títulos então são doados para fundar um instituto brasileiro do meio ambiente, encarregado de proteger a floresta tropical."

Segundo o editorial, "todo o mundo se beneficiaria". "O instituto ganha uma renda generosa dos juros e principal pagos sobre a dívida; o governo brasileiro paga sua dívida em moeda local em vez de moeda estrangeira, da qual está em falta; o Brasil então pode importar mais dos países doadores; os bancos credores se livram de dívidas duvidosas; e uma floresta insubstituível é salva para futuras gerações."

"Para o Brasil, o plano alivia o peso da dívida externa, ajudando a salvar sua própria herança natural. Essa visão mais clara dos interesses brasileiros vem do chanceler do presidente, não dos seus generais", conclui o editorial do **New York Times**.



Os integrantes do Grupo dos Oito no café da manhã: a dívida é impagável.

Ricardo Chaves/AE